

Evento: XX Jornada de Extensão

**A REPRESENTAÇÃO DOS SENTIMENTOS E ANSEIOS DAS CRIANÇAS
ATRAVÉS DOS CONTOS DE FADAS¹
THE REPRESENTATION OF CHILDREN'S FEELINGS AND ANXIETY
THROUGH FAIRY TALES**

**Lucélia Raquel Martins Turcato², Fatima Inês Teles³, Diovana Machado Da
Silva⁴, Fernanda Trein⁵, Lídia Inês Allebrandt⁶**

¹ Artigo produzido a partir de ações desenvolvidas na disciplina Literatura Infanto-Juvenil, do curso de Letras Português - Inglês - Licenciatura, da UNIJUI, 2019.

² Acadêmica do curso de Letras Português ? Inglês e bolsista do Programa de Residência Pedagógica subprojeto Multidisciplinar da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, UNIJUI. lucelia-turcato@hotmail.com

³ Acadêmica do curso de Letras Português ? Inglês da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, UNIJUI. fatyma-teles@hotmail.com

⁴ Acadêmica do curso de Letras Português ? Inglês e bolsista do Programa de Residência Pedagógica subprojeto Multidisciplinar da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, UNIJUI. diovana_machado@hotmail.com

⁵ Professora Mestre do Departamento de Humanidades e Educação e do Curso de Letras Português-Inglês (UNIJUI). fernanda.trein@unijui.edu.br

⁶ Professora Mestre do Departamento de Humanidades e Educação e do Curso de Pedagogia (UNIJUI). lidia@unijui.edu.br

INTRODUÇÃO

Muito se tem questionado sobre a literatura infanto-juvenil e a forma como as crianças podem utilizar-se da mesma para expressar-se e compreender a si mesma. Sendo assim, o presente artigo tem como objetivo analisar, refletir e discutir sobre essas questões, a partir de uma proposta de contação de história para crianças, vinculada à disciplina de Literatura Infanto-Juvenil.

Consideramos essa proposta como um processo de investigação que busca compreender a importância da literatura infanto-juvenil, tanto em âmbito escolar quanto nos momentos de lazer com a família e seus contextos sociais. A infância foi o momento escolhido para a observação, pois é nesse momento que os sujeitos tendem a melhor expressar seus sentimentos através das diferentes obras, utilizando das mesmas como formas de lidar com as mudanças decorrentes da vida.

(...) a linguagem literária é capaz de deixar lacunas que são preenchidas quando o leitor interage com o texto, unindo à leitura suas experiências anteriores, "atualizando" o ato de leitura, aproveitando-se da plurissignificação do texto literário para executar leituras variadas. O discurso não é individual, não tem um fim em si mesmo; portanto ele "percorre", ele nunca está pronto, depende dos falantes. Isso significa que a leitura promove maneiras diversas de ver e entender o mundo; o texto é uma potencialidade significativa, mas necessita do leitor para ser potencializado. (ZAFALON. M. pág. 3. 2010)

Como aborda o autor anteriormente citado, a literatura, como um todo, é um leque de

Evento: XX Jornada de Extensão

possibilidades de produção de sentidos. As crianças, leitores em formação, já percebem o acolhimento artístico proporcionado pela narrativa e se deixam levar pelas histórias, encontrando-se nas mesmas e reconhecendo nelas semelhanças ou grandes abismos com sua realidade. O que, de qualquer forma, pode possibilitar conforto, provocar estranhamento, diversão e constante reflexão.

Sendo assim, esse documento exercerá três movimentos. Inicialmente abordará a importância dos primeiros contatos com a literatura na constituição dos sujeitos leitores na infância. Em seguida, o relato e a análise da contação de histórias, e, por fim, a análise de questões relacionadas à psicanálise nos contos infanto-juvenis.

METODOLOGIA

Este estudo foi elaborado a partir de práticas de contação de história, leituras e discussões teóricas desenvolvidas na disciplina de Literatura Infanto-Juvenil, ofertada nos cursos de Letras e Pedagogia, na UNIJUI, ministradas pelas professoras Fernanda Trein e Lídia Allebrandt. A contação de história foi realizada com uma criança do segundo ano do ensino fundamental, a qual já possui vínculo com a literatura.

A pesquisa é de natureza qualitativa, pois, segundo Godoy (1995), essa valoriza o contato do pesquisador com o ambiente e a situação que está sendo estudada. Dessa forma, os pesquisadores tentam compreender o que está sendo examinado a partir das perspectivas dos participantes. A relevância da pesquisa encontra eco no que escrevem Souza e Bernardino (2001), que teorizam que a contação de história é uma prática pedagógica que favorece a docência, pois estimula a imaginação, educa, desenvolve habilidades, dinamiza o processo de leitura e escrita e o desenvolvimento dos sujeitos.

DESENVOLVIMENTO

Quando discute-se a relação entre literatura e escola, logo entra em cena a desmotivação de milhares de alunos em apreciar e compreender a importância da mesma. Porém, como amplamente discutido na academia, a literatura tem suma importância na constituição dos sujeitos como independentes, ideológicos, críticos e interpretadores de diversos tipos de discursos presentes na sociedade. Para evitar a desmotivação que pode vir a surgir nos estudantes, o primeiro contato literário deve surgir na mais tenra infância, tanto em âmbitos educacionais quanto nas suas relações sociais, como escreve ASSMANN (2001, p. 25):

(...) a leitura está relacionada com o sucesso, não apenas acadêmico, mas também social e econômico, pois se lhe atribui a capacidade de promover os indivíduos. É reconhecida, igualmente, a importância da arte literária por ser capaz de situar o indivíduo diante de si mesmo e de seu contexto; por possibilitar-lhe a percepção de variados pontos de vista e por estimular sua criatividade.

É a partir desses primeiros contatos que as crianças conseguirão relacionar-se com as frustrações e mudanças que ocorrem em suas vidas, sua desvinculação com a figura materna e paterna, a rotina diária e, propriamente, a sua relação com a escola e toda as informações e conhecimento resultantes de sua vivência com o mundo. Principalmente no seu processo de alfabetização, onde a literatura se articula com a linguagem para construir as significações que o texto produz:

A literatura, ao ser priorizada na prática pedagógica, desenvolve na criança o cognitivo, o afetivo e o social, tornando esse leitor-aprendiz participante ativo no processo de ensino-aprendizagem,

Evento: XX Jornada de Extensão

enriquecendo seu vocabulário e seu repertório artístico. O ato de ler/contar histórias reveste o processo de aprendizado de significado e de prazer, o que mobiliza o interesse das crianças.

(PESSOA, 2015, p.5)

Para o desenvolvimento da proposta, foi selecionada uma criança de 7 anos que está em processo de alfabetização, nomeada, doravante, como Criança A. Ela já possui contato com a literatura desde a gestação da mãe e, após sua entrada na educação infantil, expandiu sua familiaridade com os livros, contações de histórias e diversas propostas pedagógicas relacionadas à literatura.

Entretanto, com sua chegada aos anos iniciais do ensino fundamental e o início do processo de alfabetização, a Criança A teve uma ruptura com a literatura, pois, para ela, os livros deixaram de trazer o encanto como antes, já agora essa está conquistando sua autonomia de ler e relacionar-se com as obras literárias. Isso porque, para os alunos, essa “ruptura” entre outra pessoa contar histórias para eles e o ato emancipatório da leitura solitária pode acabar desmotivando-os. Entretanto, é de suma importância que a escola atue como motivadora, que a mediação do professor nesse processo seja assertiva e incentivadora e que a contação de histórias não seja abandonada. A família também precisa auxiliar os pequenos leitores nesse movimento de mudança.

Inicialmente, para a contação de história, questionou-se a Criança A sobre qual obra literária gostaria de ouvir. Essa automaticamente falou de João e Maria, um dos principais contos de fadas dos Irmãos Grimm. Assim, para o dia da contação, foi selecionada uma versão da autora brasileira Ruth Rocha.

Sugeriu-se que a criança pegasse e folheasse o livro para ver suas ilustrações e conhecer a obra, e, após, iniciou-se a contação. A criança prestou atenção em toda a narrativa, observou as ilustrações e questionou quando se repetiria o momento de contação de histórias.

O conto João e Maria, também conhecido como Hansel und Gretel, na versão original dos Irmãos Grimm, publicado em 1812, conta a história de aventura de dois irmãos, filhos de um pobre lenhador, que em acordo com a esposa, decide largá-los na floresta porque a família não tem mais condições de mantê-los. No caminho pela floresta João e Maria espalham migalhas de pão, que acabam sendo comidas pelos pássaros e, com isso, as crianças acabam perdidas na floresta. Na tentativa de encontrar o caminho de volta, os irmãos encontram uma casa feita de doces e, com fome, começam a comer as guloseimas, sendo então recolhidos pela dona da casa, que se revela uma bruxa. Ela planejava engordar as crianças para depois comer de sua carne. Enquanto João se alimentava e aos poucos engordava, Maria trabalhava na casa para depois ser a próxima. Porém, espertas, as crianças descobrem o plano da bruxa e a enganam jogando-a dentro do próprio forno. Assim, livres, João e Maria são encontrados pelo pai e voltam para casa levando consigo ouro suficiente para o resto de suas vidas.

O conto utilizado traz questões relacionadas a imagens que temos da instituição família como proteção, afeto e carinho. Contudo, quando a criança vai crescendo, esse vínculo, aos poucos, vai se partindo para que ela possa constituir-se como um sujeito independente. João e Maria estão crescendo e precisam ter novas experiências e contato com o mundo. Isso pode ocorrer com a ida à escola, onde a criança pode se sentir abandonada pela mãe, vendo-a como fria e cruel. Conforme Corso e Corso (2006, p. 43)

(...) os pais são acusados de estarem impondo aos filhos aquilo que, na verdade, o seu próprio

Evento: XX Jornada de Extensão

crescimento está precipitado em sua vida. Crescer traz ganhos, mas também perdas. Estas últimas fazem com que a independência conquistada pelo filho seja vivida como abandono por parte dos pais, já que é muito difícil, neste momento, se reconhecer como autor da própria história.

No entanto, temos duas representações da figura materna: a mãe/madrasta, que quer deixar os filhos para que possam tornar-se seres emancipados que buscam pelos seus próprios caminhos e a bruxa bondosa e generosa, que em seu interior quer devorar as crianças. Nesse caso a bruxa representa a figura materna que está “cega” e quer devorá-los simbolicamente para que voltem ao seu ventre. CORSO e CORSO (2006, p. 43) afirmam que

Estamos acostumados a acompanhar o sofrimento com o qual as mães prescindem da condição de fonte de alimento para seus filhos. Serão lágrimas de tristeza, pela perda de um tipo de vínculo onde elas são insubstituíveis junto a seus bebês, assim como palavras de culpa, pelo notório ganho em liberdade de que o fim da tarefa lhes proporciona.

Crescer, para a criança, é um simbolismo de “morte”, uma vez que a vida está exigindo mudanças em seu entorno, crescimentos psíquico. A floresta da história pode representar o inconsciente, separando então o mundo interno e externo, visto que antes ela vivia na plenitude e agora precisa enfrentar as demandas do mundo e da vida:

Buscar seus próprios objetos, de alguma forma trabalhar, não é a única maneira de romper o fascínio de ser cuidado, descobrir que é possível discordar do adulto, que ele não é tão poderoso nem onipresente, como se acreditava, também é importante. A tarefa é dar-se conta do quanto se é independente do desejo da mãe (...)

(CORSO; CORSO, 2006, p. 43).

A história João e Maria consegue estabelecer justamente essa relação entre a criança e a construção de sua autonomia, da descoberta da possibilidade de discordância com a figura adulta. A leitura da história para as crianças pode, aos poucos, estabelecer esse processo com mais naturalidade para o infante, sem que seja necessário tocar no assunto ou chamar a atenção para partes específicas da narrativa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta de contação e a análise dela permitiu a compreensão da importância da presença da literatura desde a infância para a constituição dos sujeitos no enfrentamento de suas frustrações e sentimentos, tais como os desapontamentos e perdas de vínculos, principalmente com laços familiares e de convívio. O que auxilia o futuro profissional da educação em formação a entender que o “adulto” também sofre com as mudanças, que não é onipotente e também está em busca de se auto compreender, e que tanto para ele quanto para a criança a perda do vínculo traz desprezo, mas que a vida nos cobra isso.

Assim, de posse desse conhecimento, o aluno, tanto de Pedagogia quanto de Letras, pode selecionar as histórias a serem contadas ou lidas com mais consciência, fazendo seu papel de mediador da leitura de maneira responsável, a fim de permitir o desenvolvimento intelectual do aluno e também incentivar o gosto literário. Desta forma, é imprescindível que o professor conheça a literatura, reflita sobre ela e planeje seu ensino desde a educação infantil até o ensino médio, pois essa possui o poder de expressar e proporcionar a compreensão da realidade e o papel do indivíduo na sociedade que está inserido. Podendo, além disso, desenvolvendo o senso crítico e melhorar a escrita do aluno, mas, principalmente, despertando o prazer pelo conhecimento.

Evento: XX Jornada de Extensão

PALAVRAS-CHAVE

Literatura; Obras literárias, Psicanálise.

KEYWORDS

Literature; Literary works, Psychoanalysis.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO. K. R. AGUIAR. L. F. O ensino da literatura na escola. Disponível em: <<http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:VM4GtsggU4J:revistas.ufac.br/revista/index.php/simposiufac/article/download/809/407+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>>. Acesso em: maio de 2019.

CORSO, D. L. Fadas no divã: psicanálise nas histórias infantis. Porto Alegre: Artmed, 2006.

GODOY, A. S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. In. Revista de Administração de Empresas, v. 35, n.2 Mar/Abr. 1995.

Literatura e alfabetização: do plano do choro ao plano da ação. Organizado por Juracy Assmann Saraiva. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.

Literatura na escola: propostas para o ensino fundamental. Juracy Assman Saraiva, Ernani Mügge ... [et al.]. Porto Alegre: Artmed, 2006.

PESSOA. J. L. S. O ensino de literatura nos anos iniciais do ensino fundamental: a relação entre as concepções dos professores e a prática pedagógica. Disponível em: <http://www.editorarealize.com.br/revistas/conedu/trabalhos/TRABALHO_EV056_MD1_SA4_ID2911_14082016021459.pdf>. Acesso em: maio de 2019.

Ruth Rocha reconta João e Maria. São Paulo: Richmond Educação, 2011.

SOUZA, L.O. et al. A contação de histórias como estratégia pedagógica na educação infantil e ensino fundamental. Revista Educere, v.6, n.12, p.235-249, jul./ dez. 2011.

ZAFALON. M. Leitura e ensino da literatura: reflexões. Disponível em: <http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:wqiWA4cfW8AJ:www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/LinguaPortuguesa/artigos/mestrado_alice_artigo.pdf+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>. Acesso em: maio de 2019.